

## EDUCAÇÃO DO CAMPO E MEMÓRIA NO DIÁLOGO ESCOLA E COMUNIDADE

## RURAL EDUCATION AND MEMORY IN SCHOOL AND COMMUNITY DIALOGUE

Paulo Cesar da Silva Passamai<sup>1</sup> - PMC  
Eduardo Augusto Moscon Oliveira<sup>2</sup> - UFES

### RESUMO

Analisa as narrativas dos participantes no processo formativo envolvendo escola e comunidade na Escola do Campo Margarete Cruz Pereira em Roda D'água. Tal premissa evidencia a importância da memória como elemento central do resgate da identidade dos sujeitos que vivenciam a Educação do Campo. Compreendemos que se faz necessário nesta análise nos debruçarmos não só na importância do resgate da memória dos sujeitos, mas no processo de fortalecimento da História e memória da luta em nome do direito a educação e da vida dos sujeitos camponeses do campo e da cidade. A metodologia fundamenta-se na pesquisa participativa defendida por Brandão (2006), a partir de rodas de conversa baseado em Freire (1987), tendo como aporte a história oral, por meio das narrativas produzidas pelos sujeitos envolvidos no processo formativo. Destaca-se a valorização das memórias e dos saberes na Educação do Campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória-História. Educação do Campo. Escola-Comunidade.

### ABSTRACT

Analyzes the narratives of the participants of a training process involving school and community at Escola do Campo Margarete Cruz Pereira in Roda D'água. This premise highlights the importance of memory as a central element in recovering the identity of subjects, who experience Rural Education. We understand that it is necessary in this analysis to focus not only on the importance of recovering the memory of subjects, but also on the processes of strengthening the history and memory of the struggle in the name of the right to education and the life of rural and urban subjects. The methodology is based on participatory research defended by Brandão (2006) from conversation circles based on Freire (1987), having oral history, as a contribution, through the narratives produced by the subjects involved in the training process. The valorization of memories and knowledge in Rural Education stands out.

**KEYWORDS:** Memory-History. Countryside Education. School-Community.

DOI: 10.21920/recei72021723608617  
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72021723608617>

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências e Matemática (EDUCIMAT/UFES). Professor de história e Pedagogo na educação básica pela rede municipal de Cariacica-ES. E-mail: [paulo.p1511@gmail.com](mailto:paulo.p1511@gmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1393-7428>.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Educação, Departamento de Educação Política e Sociedade. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2006). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1997). E-mail: [eduardomoscon@hotmail.com](mailto:eduardomoscon@hotmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9435-8967>.

## INTRODUÇÃO

Este estudo convoca-nos a refletir sobre a importância da educação enquanto espaço de luta e de garantia de direitos ao tratarmos da luta pelo direito à educação, sobretudo, a Educação do Campo. Para tanto, faz-se necessário recorreremos à pergunta postulada por Arroyo (2009) no texto *Por uma Educação Campo*, no capítulo intitulado *A Educação Básica e o Movimento Social do Campo*, que nos provoca a pensar sobre a seguinte pergunta: “Como a escola vai trabalhar a memória, explorar a memória coletiva?” (p. 81) a memória de homens e mulheres, idosos, jovens e crianças, trabalhadores e trabalhadoras do campo, sem reproduzir os estereótipos do “homem da roça”, do “jeca tatu”, menosprezando assim os múltiplos saberes e identidades dos sujeitos do campo e da cidade.

Tal premissa, convoca-nos ao debate da memória como elemento central do resgate da identidade dos sujeitos do campo, de forma que a Educação do Campo deve-se debruçar não só sobre o seu resgate, mas sobre o processo de fortalecimento da História e da memória da luta em nome do direito à educação e à vida dos sujeitos camponeses do campo e da cidade. Tomando como base essa acepção, em se tratando da Educação do Campo, é preciso fortalecer a memória coletiva dos sujeitos do campo, resgatando suas tradições, saberes e fazeres, contribuindo para fortalecer a identidade dos homens e mulheres que vivem no campo. Tais identidades, muitas vezes são silenciadas pelo processo de dominação da relação campo cidade, vistas nas escolas rurais. Dessa forma, de acordo com Zen e Foerste (2006, p. 3) é preciso “[...] construir e transmitir, especialmente às novas gerações, os valores, a memória coletiva da luta pela terra e pela escola”, que são princípios fundamentais das escolas do campo.

Polack (1989) enfatiza a importância do silêncio e a disputa das memórias oficiais, como também a necessidade de desvelar as chamadas memórias subterrâneas, que fazem parte das chamadas culturas minoritárias e dominadas, que se opõem à memória oficial. Dessa forma, destaca-se a importância da história oral ao ressaltar a relevância dessas memórias para a análise dos excluídos ou marginalizados e das minorias, de forma que a metodologia da história oral contribui para “reabilitar a periferia e a marginalidade”, nas palavras do autor. Nesta esteira, Thompson (1992) reivindica o uso da história oral para os fins sociais e pessoais construtivos, tendo em vista a natureza intrínseca da abordagem oral, baseada na fala de vidas individuais, por meio de narrativas dos atores envolvidos. Nesse sentido, enfatizamos o uso da história oral como base desse trabalho no intuito de trazer as memórias dos saberes e fazeres dos sujeitos do campo que vivem no entorno da Escola do Campo Margarete Cruz Pereira.

Assim, tomando como base esta perspectiva, propomos trazer à luz deste estudo uma análise de uma prática educativa realizada no ano de 2017, em um processo formativo envolvendo professores, alunos, pais funcionários e representantes da comunidade de Roda D’água na Escola do Campo Margarete Cruz Pereira. Tal atividade foi desenvolvida durante a pesquisa de mestrado intitulada “Diálogo Escola-Comunidade na Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira: entre histórias, memórias, saberes e fazeres no município de Cariacica-ES, no âmbito do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Educimat/IFES.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Dando centralidade à prática educativa do processo formativo, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada nos pressupostos defendidos por Bogdan e Biklen (1994), e Brandão (2006), do tipo participativa, envolvendo, assim, os diferentes sujeitos da pesquisa. A prática

desenvolvida teve como base a realização de rodas de conversas por meio da dinâmica de produção de memórias e círculo de histórias a partir de relatos de vivências e experiências sobre a vida no campo relacionando-os aos conhecimentos/saberes populares dos diferentes sujeitos campestre, tendo como foco a valorização da memória dos sujeitos participantes do processo formativo. A proposta de formação tem como objetivo promover momentos de debates e aprendizado coletivo teórico-prático a partir do diálogo escola/comunidade, tendo como foco o resgate dos saberes populares presentes nas memórias e histórias da comunidade do entorno da Escola do Campo Margarete Cruz Pereira, contribuindo para a melhoria das práticas pedagógicas da Educação do Campo, possibilitando um processo de construção/reorganização da proposta pedagógica da ECEC.

Participaram desse momento de formação 38 participantes, tais como: representantes dos professores, pais, alunos, funcionários e membros da comunidade do entorno da Escola do Campo Margarete Cruz Pereira da região de Roda D'água. Neste momento foi trabalhado o tema: “Memórias e Histórias nas práticas educativas da Educação do Campo” com o objetivo de discutir a importância do resgate e o reconhecimento das histórias, memórias e vivências dos sujeitos do campo e suas relações com as práticas de Educação do Campo na ECEC “Margarete Cruz Pereira”. Assim, buscamos apoiarmos nos questionamentos feitos por Arroyo, (2009) que, ao tratar sobre a educação básica do campo e os movimentos sociais, enfatiza a necessidade de a escola pensar sobre o trabalho e a valorização da memória dos homens e mulheres do campo em suas práticas educativas.

Foi exibido um videodocumentário produzido a partir do livro “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil” de Darcy Ribeiro. O objetivo da exibição do vídeo foi apresentar a importância da formação da identidade rural no Brasil, explorando as imagens do documentário que representam o mundo rural a partir de elementos que remetem à memória, às histórias e ao cotidiano das pessoas que vivem no campo, estabelecendo uma relação com o território rural de Cariacica. Assim, partindo da temática apresentada no vídeo, o pesquisador apresentou aos participantes a proposta da dinâmica de roda de conversa, lembrando que o trabalho em questão possui um caráter coletivo, colaborativo, dialógico em que todos participam do processo de construção. Reforçamos que a metodologia empregada contribuiu para o fortalecimento do processo participativo na pesquisa, cuja base é a concepção dialógica, defendida por Brandão e Streck (2006), no que tange à importância do diálogo como fundamento das interações humanas e o compartilhamento de ideias, fortalecendo o processo de interação entre os sujeitos e possibilitar a reconstrução do conhecimento por meio da troca de saberes, tendo como base Freire (1987), é preciso apontar para os caminhos delineados nesse estudo, a perspectiva dialógica freireana, como elemento central do processo educativo ao pensarmos num processo formativo promovendo o encontro entre escola e comunidade. Essa metodologia de troca e compartilhamento evoca, por meio da oralidade, o resgate das experiências, vivências, saberes, histórias e memórias das pessoas que participaram desse processo.

Como sugestão para o direcionamento dos debates nas rodas de conversas, os participantes receberam uma ficha contendo três questões a saber: 1 - Quais são as minhas experiências em relação à educação do campo e à vida no campo? 2 - O que se espera de uma educação do campo? 3 - Como as minhas vivências do campo podem contribuir com a educação do campo na Escola do Campo?

Dessa forma, ressaltamos que foi considerado para análise neste artigo a ficha sugerida aos participantes, considerando a importância das vivências dos sujeitos da pesquisa, tendo como

foco a memória e a história desses sujeitos, por meio dos relatos das apresentações realizadas pelos grupos nas rodas de conversas.

## MEMÓRIA E HISTÓRIAS NAS RODAS DE CONVERSAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Considerando a amplitude dos relatos, analisaremos algumas falas que expressam elementos mais significativos para esta pesquisa, seguindo a ordem de apresentação dos grupos participantes tendo como foco as experiências vividas em relação à educação do campo e a vida no campo.

### Pergunta 1: Quais são as minhas experiências em relação à educação do campo e a vida no campo?

A professora de História, representando o grupo 2, formado pelo professor de Geografia, mãe de aluno, representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cariacica e dois alunos, ao responder a primeira pergunta, relatou:

[...] a experiência e a falta de escola do campo, [...] retratou sobre isso, [...] a situação das saídas de algumas pessoas daqui para estar estudando nas escolas urbanas, e acabou acontecendo o pior que foi o afastamento de sua própria família, acabou acontecendo o processo de aculturação (sic), se desligando daqui do meio rural, tendo que se inserir no meio da cidade[...] que acabou acontecendo a questão da aculturação, [...].

O relato da professora chama atenção para o movimento de saída das pessoas do campo em função das dificuldades existentes nas regiões rurais e o acelerado processo histórico de transformação do campo brasileiro. A saída dessas pessoas, atraídas para as áreas urbanas em busca de melhores condições de vida e de trabalho, acabam por levar ao distanciamento das famílias camponesas da cultura e da vida do campo e ao incorporar o pensamento e a cultura do mundo urbano há, assim, um processo de aculturação das populações camponesas. Caliani (2013) reforça que, ao longo dos tempos, foi sendo fortalecido todo um discurso de desvalorização do homem do campo que contribuiu para a descaracterização e negação da própria identidade camponesa. Nesse mesmo sentido, Jesus (2012, p. 25) destaca que esse processo também é influenciado por um ensino descontextualizado trazendo consequências tais como: “[...] o preconceito camponês contra suas próprias raízes, baixa autoestima e inabilidade para lidar com situações vividas no dia a dia, tanto no campo quanto na cidade”.

O grupo 3, composto pela pedagoga e pelos alunos, ao responder a primeira questão fez um comentário a respeito da importância das lembranças e das memórias, ao recordar os tempos de escola, comentando sobre o momento do debate no grupo e a troca de saberes entre os sujeitos. O relato da pedagoga trouxe à tona retratos de suas memórias de infância permeadas de detalhes do seu tempo de estudante. Relatou que, há 53 anos, estudou em uma escola pluridocente, lembrando das dificuldades de acesso à escola, pois andava até uma légua de distância para estudar. Destacou que realizava atividades, como cuidar do jardim e da horta da escola que era feito por todos os alunos. Essa experiência de acordo com a pedagoga influenciou o seu trabalho na Escola do Campo Margarete Cruz Pereira, relatando que ela vê esse reflexo no trabalho realizado na escola.

Olha só, nós fizemos um paralelo, com a educação. Há 53 anos atrás eu estudei em escola rural, escola do campo, e morava no campo, era uma sala pluridocente com uma mesa grandona, onde todos sentavam na mesma mesa, e estudávamos todos os conteúdos como o aluno falou aqui, e ainda tínhamos as atividades extraclasse que era, que era uma fazenda e a gente fazia umas hortinhas na casa da mãe da professora, era muito legal, hortinhas, jardins todos cuidados pelos alunos, era muito legal! E eu vejo aqui e eu me dediquei muito a essa escola (referindo-se à ECEC Margarete Cruz Pereira) por conta disso, e hoje em dia eu vejo isso se repetindo lógico que de uma forma muito mais avançada, de forma mais técnica, com mais preparo do que naquela época.

Ao rememorar tais acontecimentos de seu tempo de criança, relativas às suas lembranças da escola, a profissional leva-nos a refletir acerca das múltiplas relações dessas lembranças ao ambiente da escola e ao próprio currículo escolar, de forma que,

[...] Lembrar da escola significa muitas vezes reconstruir espacialmente o ambiente vivido, lembrar da sombra da árvore, no pátio da escola, sentir o frio dos corredores, reconstruir mentalmente, as janelas, as carteiras, o quadro-giz, o sentir o cheiro acre do ambiente coletivo [...] lembrar das festas, do vestido de formatura, do melhor amigo/a, do professor austero, ou do professor amigo, entre tantas coisas. Isso tudo faz parte do currículo escolar, embora nem todos sejam definidos a priori. Estas, em síntese, fazem parte de nossa representação imagética. As imagens abrigam nossa memória [...] as imagens mentais ou materializadas guardam muito de nossas lembranças de escola (TRABARCH; SCHÜTZ-FOERSTE; FIOROT, 2014, p. 44).

A pedagoga relatou também sobre as experiências vividas por ela na vida no campo em sua infância comparando-a à narrativa da aluna do 8º ano, dizendo,

[...] eu acostumei a tomar banho em rio, açude e nadava muito, a gente cortava a bananeira, jogava o cacho da bananeira na água, e nadava ali, olhá! [...], olha só o que é experiência de vida, eles fizeram a mesma coisa também viu? Inclusive, com a bananeira também, e ia remando... Então um paralelo, olha só 53 anos atrás no Nordeste, andando de pau de arara, andava uma légua a pé... E hoje em dia aqui em Roda D'água mesmo a mesma experiência (PEDAGOGA DA ESCOLA).

Assim, tal relato ajuda-nos a refletir sobre a importância da memória na educação do campo, contribuindo para a troca de experiências entre gerações e permitir o diálogo entre os diferentes saberes por meio da interação entre os sujeitos do campo.

Ao trabalharmos essas experiências que envolvem as memórias coletivas, possibilitamos que os alunos, educadores e, em nosso caso, a comunidade escolar e local, “façam conexões entre histórias individuais e coletivas, destacando aspectos importantes no entrelaçamento dessas memórias” (HALBWACHS, 2004 apud OLIVEIRA et al, 2012, p. 80). Sublinha-se também a importância dessas memórias ao trabalharmos as interconexões entre as gerações, resgatando assim situações e vivências do cotidiano, especialmente ligadas às relações com o meio ambiente, memórias estas encharcadas de saberes de experiências e vivências compartilhadas entre os diferentes sujeitos, reforçando assim os laços com o campo e com o mundo rural.

O grupo 4, formado pelas funcionárias e pela coordenadora da escola, ao responder essa questão, destacou que buscaram dialogar sobre as vivências e as memórias de suas experiências

na vida no campo relacionando a escola do campo, enfatizando aspectos que representam as dificuldades e as facilidades existentes no passado e ainda persistem na realidade do campo ainda atualmente. Dentre outros pontos, destacaram o trabalho dos professores das escolas pluridocentes, reforçando que,

a professora ela era o faz tudo na escola, e ainda ela é... O faz tudo na escola na visão de escola no campo, ela é a secretária, ela é a merendeira, ela é diretora, coordenadora, professora, a enfermeira quando a criança se machuca é tudo... E que muitos casos os próprios alunos ajudam a professora a mediar certas situações.

Outro aspecto relevante elencado pelo grupo diz respeito à vida no campo no passado, ressaltando as dificuldades cotidianas, relacionadas aos afazeres do cotidiano, às técnicas empregadas na conservação dos alimentos, ao acesso à energia elétrica, fatores que o grupo pontuou como limitadores, conforme podemos observar na narrativa.

E aí a gente pensou também na vida no campo, também nessa vida no campo pensando mais no passado, que era uma vida um pouco mais complicada pela questão de acessibilidade, pela falta de algumas coisas, ausência da eletricidade, então as coisas eram um pouco mais limitadas... Que não era ruim, mas era diferente da atualidade, diferente até mesmo do campo de hoje... Hoje no campo, nós temos tantos aparatos que são facilitadores que naquela época não tinha, um pontual é a questão de lavar roupa no rio, [...] que ficava o dia todo lavando roupa, e tinha todas aquelas histórias... [...], a conservação dos alimentos, então a vida no campo era uma vida prazerosa sim, mas existiam limitações que as vezes tornavam os serviços práticos um pouco mais extensos.

O relato apresentado pelo grupo ajuda-nos a reconhecer elementos que representam o conhecimento popular utilizado no emprego de técnicas e conhecimentos que se relacionam à presença da ciência na vida cotidiana da população campestre no passado. Esses saberes, de acordo com Chassot (2011), são reconhecidos como os conhecimentos que fazem parte do saber que se encontra fora da sala de aula, mas que representam o uso da ciência em inúmeras situações da vida das pessoas, demonstrando os conhecimentos relativos ao uso da ciência e da tecnologia, presentes nos saberes populares, que hoje não se utilizam em função do desenvolvimento tecnológico.

## Pergunta 2: O que se espera de uma Educação do Campo?

Em relação às expectativas referentes à Educação do Campo, os grupos pontuaram a necessidade de garantir uma educação que trabalhe a relação teoria e prática fortalecendo a identidade do aluno em relação à cultura local na relação escola e comunidade. Outro aspecto levantado foi a continuidade dos estudos dos alunos no próprio território do campo, tendo como base a participação e o apoio da família e o envolvimento da comunidade, promovendo, assim, troca de saberes e vivências, conforme podemos observar no relato do Grupo 2:

[...] é não deixar a escola do campo sozinha, é a própria comunidade deve estar sempre inserida aqui dentro, se aproximando do que acontece com atividades locais. Aí no caso sempre passar o que é a comunidade passa no cotidiano, para que nós, professores, estar acrescentando para os alunos, incentivar... A própria

comunidade incentivar projetos, atividades, fazer aulas dinâmicas, valorizar a cultura local, organizar palestras e aulas artesanais, entre outras atividades, para não ficar uma coisa meio que isolada, a comunidade se inserir dentro do contexto da própria escola, para a gente relacionar uma coisa e outra.

Nessa mesma direção, o grupo 4 reforçou a importância do apoio da família e o seu envolvimento na educação do campo, sobretudo a partir da troca de saberes com a comunidade, estabelecendo uma relação de parceria na construção das práticas educativas da escola.

a questão da participação com o apoio da família é fundamental na educação do campo, você ter a participação e o apoio da família e o envolvimento da comunidade, a troca de saberes a vivência com a cultura da comunidade, com os pais, essa vivências e práticas de fazer sabão, de fazer um biscoito, de fazer um broth, essa troca com a comunidade, de trazer a comunidade mesmo para ser algum dia professores, não só para serem alunos, para trocar também o conhecimento da comunidade com os alunos aqui.

Ressaltamos que o relato apresentado pelo grupo 4 enfatiza a relevância do diálogo entre os saberes difundidos na comunidade no território do campo, fortalecendo a valorização da cultura local, sendo repassada pela tradição, pelas memórias das famílias camponesas, pelo fazer, pelos saberes práticos, produzidos e construídos por meio das vivências cotidianas, sendo estas repassadas de geração em geração, destacando a importância não só do saber escolar, mas do saber popular na Educação do Campo. Tal perspectiva corrobora com Forquin (1993) ao enfatizar a relação entre a cultura popular e a cultura escolar reforçando a importância do entrelaçamento dos conhecimentos escolares na educação do campo ao contexto da vida e das vivências dos diferentes sujeitos camponeses.

### **Pergunta 3: Como as minhas vivências do campo podem contribuir com a educação na Escola do Campo?**

Podemos observar que nas respostas, identificamos a importância do fortalecimento da relação escola e comunidade. Destaca-se, em primeiro lugar, o relato da professora do Grupo 1, ao enfatizar que o trabalho na escola do campo tem que ser realizado na construção permanente da troca de conhecimento em parceria entre escola e comunidade. Salientamos a necessidade de se potencializar essa relação, nos espaços da própria escola por meio da realização de palestras, de aulas artesanais e no desenvolvimento de projetos na escola, conforme podemos observar no relato feito pela coordenadora da escola representante do grupo.

[...] é não deixar a escola do campo sozinha, e a própria comunidade deve estar sempre inserida aqui dentro, se aproximando do que acontece com atividades locais, aí no caso sempre passar o que é a comunidade passa no cotidiano, para que nós professores estar acrescentando para os alunos, incentivar.., a própria comunidade incentivar projetos, atividades, fazer aulas dinâmicas, valorizar a cultura local, organizar palestras e aulas artesanais, entre outras atividades, para não ficar uma coisa meio que isolada, a comunidade se inserir dentro do contexto da própria escola, pra gente relacionar uma coisa e outra.

Ressaltamos que o Grupo 4 realçou a relevância das práticas que já são realizadas pela escola, no trabalho junto à comunidade escolar, no desenvolvimento de oficinas junto aos alunos.

Nós pontuamos em questões realmente na parte prática, quando a gente fala de vivências a gente fala de troca de experiências, então as trocas elas são muito importantes para que essas vivências aconteçam. A gente pontuou como é importante, quando nós funcionários, as meninas, elas fazem oficina com os alunos e mostram para nós que muitas vezes a gente acaba comprando e esquecendo de produzir, valorizando o estético industrial e esquecendo daquilo que o campo nos dá, por exemplo, do colorau, uma coisa tão simples, que a gente consegue, e tão simples e tão cara quando comprada..., o pão a produção do pão caseiro, o sabão e entre outras coisas que a gente faz aqui, então essa troca de experiência, essa troca de vivências, ela faz com que a gente consiga trabalhar essas questões do campo.

Cabe salientarmos que os relatos desenvolvidos pelos grupos, em suma pontuam a relevância dos diferentes processos dialógicos presentes na Educação do Campo, tendo como centralidade a parceria entre escola e comunidade, sendo fundamental para potencializar os diferentes processos formativos presentes na educação do campo, tendo como base a valorização da memória e dos saberes das comunidades camponesas, materializando-se por meio das experiências vividas pelos seus sujeitos. Tal perspectiva apontada, remete-nos à relevância da parceria entre escola e comunidade apresentando-se como elemento fundamental na formação dos educadores que atuam na educação do campo, como destacam Foerste e Schütz-Foerste (2013, p. 114), de maneira que a parceria,

[...] tem ajudado, portanto na organização de espaços coletivos de interlocução do magistério, buscando reduzir barreiras [...] professorado do ensino básico e sociedade em geral, sobretudo com os (setores dos movimentos sociais) que explicitam resistência ao projeto hegemônico de desenvolvimento capitalista [...].

Assim, para esses autores a parceria na formação de professores na educação do campo representa uma prática que possibilita a colaboração, a cooperação e a partilha de compromissos e de responsabilidades entre os educadores, o poder público e os movimentos sociais potencializando práticas educativas interculturais na educação do campo. Cabe destacar também, que a Educação do Campo, tem como premissa antes de tudo, a valorização da cultura do homem do campo. Nesse sentido, faz-se necessário não só possibilitar espaços de diálogo entre os sujeitos camponeses e os educadores do campo, mas garantir que os saberes de homens e mulheres do campo sejam difundidos na escola do campo criando espaços efetivos de troca e interlocuções entre os conhecimentos curriculares e os conhecimentos populares presentes nas memórias e nas experiências relacionadas ao trabalho e a vida no campo.

De forma que, no caso em tela, evidenciamos essa interlocução potencializada nos diálogos desenvolvidos entre educadores, alunos, funcionários e representantes da comunidade local, realizado no processo formativo. Observamos que essa parceria não só possibilita a aproximação da escola e da comunidade, mas reconhece a potencialidade dos diferentes saberes existentes no território rural como essencial para a construção das práticas educativas desenvolvidas na escola do campo, tendo como base a memória de seus sujeitos.

Nesse sentido, reforçamos a importância da valorização das práticas educativas que valorize a memória, os saberes, a oralidade nas narrativas dos sujeitos do campo dando base para a construção coletiva do currículo das escolas do campo, sendo este materializado no Projeto Político Pedagógico dessas escolas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalharmos essas experiências que envolvem as memórias coletivas possibilitamos que os alunos, educadores e, em nosso caso, a comunidade escolar e local, potencializasse um processo de conexão entre histórias individuais e coletivas por meio do entrelaçamento das memórias dos participantes da formação, oportunizando momentos de troca e de intensos diálogos entre os diferentes sujeitos que participaram do processo formativo, sobretudo em relação aos educadores que atuam na escola do campo e a comunidade escolar e local, permitindo, assim, que esses sujeitos não só colaborem com a construção do currículo da escola, mas que se tornem atores efetivos na construção das práticas educativas que permeiam a educação do campo.

Nesse contexto, é preciso reforçar a importância da parceria na formação de professores na educação do campo como uma prática que possibilita, a colaboração, a cooperação e a partilha de compromissos e de responsabilidades entre os educadores, o poder público e os movimentos sociais potencializando práticas educativas interculturais.

Cabe ressaltar também, a importância dessas memórias ao trabalharmos as interconexões entre as gerações, resgatando, pois, situações e vivências do cotidiano dos sujeitos participantes do processo formativo, memórias encharcadas de saberes de experiências e vivências compartilhadas entre os diferentes sujeitos, reforçando os laços com o campo e com o mundo rural.

Além disso, esse movimento também direciona-nos para um duplo caminho, não só envolvendo as representações da comunidade, mas valorizando os saberes, os fazeres e as memórias desses atores, na relação dialógica entre os saberes formais e não formais, produzindo novas possibilidades de conhecimento no contexto do território do campo contribuindo assim para o fortalecimento das práticas educativas que valorize e potencialize a Educação do Campo.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). **Por uma educação básica do campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- CALIARI, Rogério. **A presença camponesa na escola família agrícola**: o caso de Olivânia. 2013. 563f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal do Espírito Santo/Vitória, 2013.
- CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Coord.); OLIVEIRA, Regina Soares et al. **História**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção: A reflexão e a prática no ensino. v. 6).
- CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Espaço Acadêmico**, n. 108, p. 153-161, maio 2010.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação.** 5 ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2011.

FORQUIN, Jean. Claude. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

FOERSTE, Erineu; SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Margit. Novas tecnologias e formação de professores do campo: parcerias em debate. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 7, p. 112-129, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JESUS, Janinha Gerk. Educação do campo e formação de professores: um diálogo com a dimensão sociológica. In: STEIN, Adenilde Silva; MORETTO, Charles.; FOERSTE, Erineu.; JESUS, Janinha. Gerk.; TRARBARCH, Maria A. (Orgs.); FOERSTE, Erineu.; SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Margit. (Coords.). **Educação do Campo: saberes e práticas.** Vitória: EDUFES, 2012. p. 23-36.

POLLAK, Michael. **Memória e Esquecimento.** In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: [http://uel.br/cch/cdph/arqxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://uel.br/cch/cdph/arqxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 20 maio 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZEN, Elieser Toretta; FOERSTE, Erineu. **Discussões sobre princípios para pensar a educação do campo.** Disponível em: [http://web2.br/educacaodocampo/down/cdrom/ii\\_09.html](http://web2.br/educacaodocampo/down/cdrom/ii_09.html). Acesso em: 25 maio 2021.

**Submetido em:** agosto de 2021

**Aprovado em:** setembro de 2021